

DIAGNÓSTICO PARA PLANEJAMENTO E ESTUDOS INTERDISCIPLINARES: A CONTRIBUIÇÃO DAS DISCIPLINAS SÓCIO-ECONÔMICAS

Marcos Estevan Del Prette*

ALGUNS PROBLEMAS

Hoje em dia, vários estudos, voltados tanto para diagnósticos de uma certa realidade quanto para prognósticos, sobretudo na área de planejamento e de meio-ambiente, têm mostrado grandes preocupações na tentativa de compreender do modo mais amplo possível o mundo em que vivemos. Esta demanda tem aumentado na mesma proporção do incremento dos projetos, os quais demonstram uma grande ansiedade em captar algo que parece-lhes fugir das mãos de tão incompreensível. Isto, a que chamamos realidade e natureza, surge sempre como algo indomável, irredutível a qualquer esquema, por mais que a razão instrumental e os instrumentos da razão ostentem suas ferramentas.

Tais estudos têm se caracterizado pela incorporação de disciplinas particulares que proliferam em várias áreas do conhecimento. De modo mais acentuado, muitos enfoques denominados "ambientais", no interior de um esquema mais amplo de planejamento territorial e de planos de desenvolvimento, operam nesta perspectiva, pois, sob este rótulo, uma gama diversificada de problemas e questões tem surgido, demandando um conhecimento mais detalhado e de diferentes pontos de vista.

Neste sentido, técnicos e pesquisadores das mais diferentes áreas afluem para projetos multidisciplinares, teóricos ou aplicados, cada qual contribuindo na sua especialidade para compor um perfil aproximado ou emitir um juízo sobre certos objetos que, para todos, parecem ter algum parentesco. Assim, estes profissionais "falam" através de suas disciplinas sobre algo que se quer conhecer: um diagnóstico de qualquer talhe e perfil para a elaboração de diretrizes gerais de planejamento, a preservação de um ecossistema, a normatização do uso de uma certa área, um estudo de impacto ambiental.

Evidentemente, tal demanda quanto ao planejamento em geral, e às questões ambientais em particular (e não vem ao caso aqui discorrer sobre suas origens), tem atraído

a atenção e a participação de profissionais até então confinados em guetos próprios, monopolizadores de técnicas e temas particulares. Nas empresas públicas e privadas, atividades até então restritas à participação setorializada de técnicos específicos, cujo parecer tornava-se a última palavra sobre o assunto, tais como grandes empreendimentos ou planejamento físico-territorial, passam a contabilizar, em maior volume, outros profissionais no desenvolvimento de seus projetos: geógrafos, sociólogos, sanitaristas, pedagogos, economistas, biólogos, etc. Apenas áreas de atuação muito restritas destes técnicos eram inicialmente aproveitadas (os economistas limitavam-se à econometria ou à área financeira, os sociólogos à demografia e à estatística, os geógrafos à cartografia, e assim por diante), enfrentando, hoje, a necessidade de se fazerem presentes e se justificarem, umas perante às outras e todas perante à sociedade, colocando à disposição dos projetos seu arcabouço instrumental e técnico.

Do mesmo modo, nas universidades começam a tomar corpo projetos que conjugam a participação concomitante de diferentes disciplinas e mesmo as agências de financiamento à pesquisa têm dado preferência a projetos multidisciplinares. À princípio, isso ocorre entre áreas com evidentes afinidades, posteriormente, entre áreas aparentemente díspares que, aos poucos, vão descobrindo seus pontos de contacto.

Assim, em um e outro caso, há um sentimento generalizado de que devemos expandir os horizontes dos trabalhos científicos, ouvir diferentes pontos de vista, juntar mais subsídios que permitam retirar cada disciplina do isolamento, criando meios para interlocução.

As chamadas ciências naturais atuam há muito mais tempo neste terreno, conseguindo estabelecer, com maior eficiência, os pontos de contacto entre suas disciplinas, harmonizando de maneira coerente as referências que fazem

(*) Mestre em Sociologia Política pela Unicamp. Consultor do Ministério do Meio Ambiente para o Projeto Pantanal.

sobre seus objetos. Mais que isso, os recortes do mundo, sempre que se trate de planejamento, têm passado pelo crivo do naturalismo aplicado à realidade, malgrado esta mesma realidade ser muito mais ampla que a coisa em si mesma. Já, no âmbito das ciências sociais, elas têm se apresentado timidamente, a maioria das vezes imitando os procedimentos metodológicos das ciências naturais a fim de se justificar institucionalmente ou, então, adotando uma perspectiva excludente e negadora, evitando qualquer contacto que possa contaminar seus fins últimos.

Entrecruzam-se, assim, questões institucionais e metodológicas, e, evidentemente, políticas, no sentido mais abrangente do termo, enquanto dimensão social influenciando nos horizontes do pesquisador. Em relação às questões institucionais, refiro-me aqui ao ambiente ou contexto em que a atividade do pesquisador deve desenvolver-se nos projetos multidisciplinares; doravante, a maior parte do seu tempo passa-se fora do seu gabinete pessoal e na presença de outros pesquisadores que atuam não necessariamente no mesmo campo. Particularmente, em um projeto multidisciplinar, no real sentido do termo, parte significativa dos técnicos envolvidos encontra-se fora de seu "habitat", defrontando-se com uma situação adversa, sem a cumplicidade de seus pares. Muitas vezes este contexto tem atrapalhado o desenvolvimento de propostas metodológicas consistentes, tanto em relação a cada disciplina específica, quanto à metodologia geral dos projetos. Entretanto, ele abre perspectivas importantes para a pesquisa, no que se refere a objetivos específicos e meios postos à disposição.

Deixemos de lado momentaneamente a questão metodológica *strictu sensu* e tentemos esquadriñar os problemas referentes ao próprio contexto no qual estes profissionais estão sendo chamados à participação. Há um fato primordial: cientistas, técnicos ou pesquisadores estão sendo postos para trabalhar juntos. De repente, uns são colocadas frente aos outros e, do ponto de vista técnico e científico, possuem o mesmo status. Além disso, todos encontram-se confinados em um mesmo projeto, porém sofrendo limitações diferenciadas quanto ao escopo definido para os trabalhos ou quanto às possibilidades imediatas de cada disciplina. O que podemos esperar disso?

ABRANGÊNCIA E PROFUNDIDADE

Um primeiro aspecto da questão refere-se à profundidade e verticalização com que cada disciplina se dedica a

um projeto multidisciplinar. As várias ciências em particular são reconhecidamente imperfeitas. Elas estão constantemente buscando conhecimentos mais amplos, métodos e técnicas mais sofisticadas, propondo novos debates sobre velhos problemas, ou encarando questões ainda formuladas precariamente. Quando são trazidas para projetos aplicados a uma dada realidade, solicita-se delas que resolvam problemas imediatos de ordem social e política. Frequentemente, elas não têm à mão a poção mágica.

Assim, as ciências em geral somente podem contribuir para projetos aplicados ou a partir da própria massa crítica por elas acumuladas, ou por experiências realizadas através de instrumentais técnico-operacionais reconhecidos pela comunidade dos cientistas. No primeiro caso, ela põe a serviço do projeto as informações, sistematizadas ou não, de que dispõe. No segundo caso, ela toma o projeto como um meio para recolher informações e testar hipóteses. A possibilidade de pesquisa empírica com que defrontam nesta situação torna-se uma fonte apreciável de conhecimento.

Não obstante, algumas dificuldades devem ser ressaltadas nesta relação tais como o "timing" dos projetos, os recursos financeiros e operacionais disponíveis e os horizontes específicos que não são necessariamente os mesmos das disciplinas específicas. Estes são limites bem definidos que atuam como condicionantes externos às disciplinas propriamente ditas. Neste caso, quase sempre foge ao técnico ou pesquisador estipular individualmente o escopo e as dimensões do começo, meio e fim do seu trabalho. Em trabalhos coletivos e projetos aplicados esta é a tônica, e o espaço torna-se limitado para aqueles pesquisadores cujos horizontes restringem-se exclusivamente à ação do intelectual demiurgo.

Desta forma, muitas das condições de produção da pesquisa encontram-se dadas a priori e ao pesquisador caberá analisá-las e mesmo influir para modificá-las se for o caso, a fim de calibrar melhor a sua participação. No limite, ele sempre será livre para optar pela recusa ou inserção, e isso a qualquer momento, porém, os objetivos gerais, prazos e condições de trabalho não podem ser, neste caso, decisões pessoais suas. Por isso, muitas propostas que, para serem efetivadas, demandariam um tempo muito superior à duração de um projeto, precisam ser deixadas de lado, o que não significa, evidentemente, que elas sejam desprezíveis.

Ora, dada a finalidade geral de um projeto, a participação específica de cada disciplina deverá estar conforma-

da àquele objetivo. Saber se este objetivo atende ou não a certas prioridades sociais ou políticas torna-se uma questão de participação política. Saber se o método proposto atende aos objetivos torna-se uma questão de debate intelectual. Porém, mesmo não sendo neutros, nada garante que os meios postos à disposição conduzam necessariamente aos fins propostos, pois afinal de contas eles não possuem, nem devem possuir, essa infalibilidade.

Tais meios determinarão não apenas as disciplinas com as quais o projeto precisa contar, mas a profundidade necessária de cada uma delas. Por profundidade quero dizer aqui a intensidade das informações, seus principais indicadores e a escala de trabalho. Já, as disciplinas selecionadas deverão responder aos problemas emergentes dos objetivos. Assim, a abrangência do tema é dada pela amplitude do problema, embora a amplitude do problema não defina a abrangência do tema.

O conteúdo de estudos deste tipo, variando conforme os objetivos a que se destina, encontra-se permeado, em última instância, pelas exigências sociais matizadas por grupos de interesse e/ou pressão. Os técnicos e pesquisadores são chamados a responder aos problemas decorrentes dessas exigências.

Tal participação, quando relativa às possibilidades imediatas de cada disciplina, remete o problema para soluções operacionais de um projeto. Um projeto aplicado não pode aguardar soluções de longo prazo para problemas metodológicos ou um diagnóstico que demande muito tempo para enfrentar problemas de uma dada disciplina.

Quanto ao escopo definido pelo próprio projeto, ele bem pode estar aquém das possibilidades e horizontes dos seus técnicos e pesquisadores. Neste caso, restará sempre a estes agirem no sentido de ampliar sua participação, demonstrando a relevância de determinada ciência na composição dos estudos e objetivos do projeto. Em última instância, poderão sempre cobrar enquanto cidadãos.

MULTIDISCIPLINARIDADE E INTERDISCIPLINARIDADE

Como afirmamos anteriormente, os profissionais envolvidos com estudos aplicados e de diagnósticos passam a sentir a necessidade de tecer relações entre várias discipli-

nas e temas afins, visto que a carência de um discurso que dê sentido a um objeto multifacetado é notada. Isto tem acontecido de modo mais evidente nos estudos ambientais e de planejamento, dadas as especificidades do objeto, sempre com referências a algum espaço e/ou território que acaba por cristalizar-se como o norte de diversas disciplinas, atraindo-lhes o olhar. Sobre esse "locus" unificador, de base geográfica, muitos técnicos e pesquisadores debruçam-se para dele extrair um "diagnóstico".

A rápida chegada de profissionais das mais diversas áreas em estudos desta natureza, na ânsia de levar a palavra da sua disciplina, além de congestionar os discursos sobre os problemas, provocou não raras vezes uma verdadeira guerra institucional por recursos financeiros, equipamentos e cargos. Isso acarretou, de um lado, várias perspectivas confusas e ou conflitantes, privilegiando aspectos isolados dos problemas, cada qual levando em consideração apenas as próprias propostas. O aspecto primordial destes enfoques deu origem a um vício muito freqüente, a saber, um exagerado tecnocentrismo, reproduzindo assim, contraditoriamente, discursos individualizados e setorializados a fim de preservar uma reserva de mercado esterilizadora das discussões.

Além disso, em instituições burocráticas fortemente hierarquizadas e verticalizadas, confundiu-se freqüentemente o discurso técnico com os princípios administrativos, prevalecendo a orientação de uma dada disciplina em função do cargo ocupado por um grupo de profissionais com uma dada formação. Deste modo, muitos projetos acabaram por apresentar uma orientação privilegiada em função de vieses estritamente administrativos. E, neste caso, aqueles que chegaram primeiro passaram a ter maior poder institucional sobre os demais, reforçando o tecnocentrismo.

Este é um sintoma mais evidente da falta de coerência metodológica e da ausência de respostas razoáveis a uma integração (e não confusão) entre várias disciplinas científicas que se dispersaram ao longo do tempo, através de um rápido processo de burocratização. (WEBER - 1992) Filhas da esperança em aprofundar o conhecimento e organizar o mundo, propuseram, entretanto, horizontes realistas e moderados. Suas virtudes transformaram-se em defeitos.

Esses fatos possuem raízes recentes: relacionam-se com a crise da ciência no final do século XIX, em que ocorre uma grande transformação na maneira de se pensar o mundo. Por essa época, a ciência passa a reconhecer os seus

próprios limites, vendo-se incapacitada de esgotar o real e abarcar a totalidade do conhecimento. Há, neste sentido, uma crítica à idéia de sistema, de um cosmos organizado e interligado, uma crítica ao determinismo (não há um ponto seguro e único para a explicação das coisas), uma crítica à dicotomização da realidade (fim da distinção entre essência e aparência, sujeito e objeto da metafísica clássica), e uma subdivisão das áreas do saber com o nascimento das ciências particulares e, em especial, das ciências humanas (psicologia, sociologia, antropologia, geografia, etc.). (BRÉHIER, 1977-1981)

A ciência, como afirmou NIETZSCHE (1978), caminha a passos firmes, não saltando regatos. Por isso não pode resolver de pronto todas as questões com que defronta. Por isso, pára, pensa, mede, executa... multiplica-se. E, neste processo, ela tem levado a especialização às últimas consequências. Mesmo não acreditando poder atingir a totalidade, persegue constante e infinitamente mais saber.

Existe a possibilidade de entrarmos nesta Babel, munidos da esperança de juntar e ordenar organizadamente essas disciplinas particulares sem, ao mesmo tempo, voltarmos às condições dadas antes do final do século XIX? Considerando-se a especialização, o trabalho árduo e cotidiano de cada pesquisador, às vezes para obter conquistas insignificantes, dificultando-lhe, assim, totalizações explicativas cientificamente relevantes, em que medida é viável esta esperança? Enfim, quais são os limites da interdisciplinaridade?

O primeiro grande problema que se tem deparado relaciona-se aos modos pelos quais a multidisciplinaridade requerida por estes projetos transforma-se em interdisciplinaridade. Uma coisa não implica mecanicamente outra e a reunião de muitas disciplinas não perfaz necessariamente uma unidade. Como passar, então, da fase de proliferação e ascensão de disciplinas específicas para a fase de convívio harmônico entre elas? Por outro lado, cabe indagar até que ponto várias disciplinas científicas, com discursos e instrumentais próprios, reunidas para falar sobre uma mesma referência, conseguem manter uma certa coerência a fim de subsidiar do melhor modo possível as tomadas de decisão.

Deste modo, podemos constatar dois eventos aparentemente paradoxais: um deles, demandando o específico, o detalhe, rumo à especialização, marcado fortemente pela incorporação de áreas particulares de estudo; o outro, clamando por integração, tentando sínteses de união destas

disciplinas particulares em um conjunto de proposições que defina metas, objetivos, políticas de planejamento.

No âmbito da especialização, os estudos são realizados por meio de disciplinas setoriais, quando muito reunidas por um nome mais geral, formando temáticas específicas no caso de evidentes afinidades. Cada disciplina ou tema pode mobilizar uma equipe de técnicos e especialistas, em diversos graus de titulação e experiência, com seus respectivos instrumentais teóricos e práticos e métodos próprios.

Por outro lado, há a tentativa incessante de se integrar, ainda que caoticamente, estas várias ciências ou disciplinas. Muitos trabalhos ainda tateiam e tropeçam, tentando compor as várias disciplinas, sem consciência completa da importância específica de cada uma delas, sobretudo quando se fala nas tais ciências humanas. Assim, não é raro encontrarmos estudos em que a "sócio-economia" é um apêndice, sem relação com o escopo do projeto, quase que apenas para constar, pois que suspeita-se da sua importância. Ou então, trabalhos do tipo "colcha de retalhos", em que cada técnico em particular produz um relatório sobre sua área específica de atuação que, por fim, será ajustado em um relatório final.¹ Porém, há, mesmo nestes casos, a intuição de que se trata de algo complexo e integrado e que os vários estudos em separado devem compor alguma unidade.

Se, por um lado, nenhuma disciplina em particular pode explicar completa e isoladamente o complexo mundo em que vivemos, isso não significa dizer que a realidade não seja integrada (una, para usarmos um termo antigo), apenas duvidando-se de que o homem, com os instrumentos que possui, tenha fôlego suficiente para dar conta de todas as facetas do real, de todo o seu modo de engendramento, reprodução e aparecimento. Entretanto, demanda-se, no caso de projetos deste tipo, à multiplicidade de disciplinas existentes para estudar uma dada realidade que elas se pronunciem em conjunto a respeito dela, apresentando alguma coerência.

PROCEDIMENTOS HETERODOXOS

A proliferação das ciências implicou também a multiplicação dos métodos, ou seja, o discurso científico de apre-

(1) Estou fazendo referência aqui a estudos que não se integram por motivos metodológicos. Evidentemente, há muitos deles parecidos com o monstro de Mary Shelley devido às condições imediatas da produção e a questões não exatamente de método.

ensão do mundo, um saber dentre outros, subdividiu-se mais ainda em saberes diversos. Em nossa contemporaneidade, as metodologias de cada ciência são irreduzíveis umas às outras.

Como demonstrar, em uma fase de diagnóstico, qual disciplina deve estar sobreposta às demais? Nada há de intrinsecamente necessário, quer nas ciências naturais, quer nas ciências sociais, que afirme a preponderância de uma sobre a outra. Evidentemente que isso pode ocorrer na forma de ênfase dada posteriormente ao trabalho científico. Mas, esta opção encontra-se exclusivamente na órbita da tomada de decisão e não na diagnose propriamente dita, ou seja, depende de priorização “política” e não de metodologia. A tomada de decisão poderá estar calcada na mais ampla fundamentação de todas as disciplinas, mas, se a diagnose for restrita, as opções assim também serão, havendo um preço a ser pago por isso.

Neste sentido, encontramos os limites da interdisciplinaridade justamente à medida que uma ou mais disciplina não exclua as demais ou não se subsuma às outras. Assim, dada a multiplicidade, a interconexão disciplinar realizar-se-á mediante um instrumental comum, respeitando os conteúdos e os procedimentos de cada ciência, preservando-lhes a autonomia, sob a perspectiva da tolerância metodológica. Porém, a coerência entre elas deverá provir de um fator externo.

Tomemos o seguinte exemplo. O processo de planejamento de um dado território tem por finalidade estabelecer uma certa ordem, ainda que provisória e precária, na distribuição espacial da organização social para, a partir daí, definir linhas de ação relativas a planos e metas estratégicos. Estas áreas, formadas a partir de alguns atributos comuns, acabam fornecendo uma certa homogeneidade àquele espaço, segundo os objetivos de intervenção propostos.

Tradicionalmente, a definição destas unidades territoriais de planejamento tem levado em consideração sobretudo indicadores provenientes das disciplinas físico-bióticas, baseadas nas ciências naturais, atribuindo-lhes um peso relativo expressivo. Desta forma, as tomadas de decisões passam a serem orientadas em função das limitações contidas no diagnóstico.

A referência a uma base geográfica de estudo aponta para a utilização da cartografia como instrumental mais ade-

quado. Neste sentido, tais disciplinas físico-bióticas apresentam, por condicionantes próprios, maiores facilidades de representação espacializada. Já, as informações sócio-econômicas apresentam maiores limitações e algumas impossibilidades, embora algumas delas permitam a adequação à cartografia. Muitas vezes, a elaboração e o mapeamento de unidades territoriais tendem a excluir estas informações ou operá-las de modo insuficiente, trabalhando apenas com os dados cartografáveis, abrindo caminho para a prevalência de um determinismo natural. Quando isto acontece, a representação cartográfica passa a ser utilizada como um fim em si mesmo e não como um instrumento de trabalho, meio eficaz de organização das informações disponíveis.

Entretanto, a fim de evitarmos quaisquer determinismos, as disciplinas sócio-econômicas devem ter o mesmo estatuto que as demais nos estudos de planejamento. Ao invés de rejeitá-las ou elas sentirem-se rejeitadas, o problema precisa ser enfrentado e formas de “integração”, sem subsunção, devem ser apresentadas. Há um vasto campo para isso.

CONTRIBUIÇÕES

Retornando a nossa indagação inicial, a saber, qual a contribuição das disciplinas sócio-econômicas em estudos de planejamento multidisciplinar, podemos sugerir algumas indicações convergentes.

Em primeiro lugar, evidentemente a incorporação desses estudos expandirá os horizontes do conhecimento sobre a realidade. A ciência, enquanto técnica específica de apreensão do mundo, terá mais coisas a dizer. Além disso, elas contribuirão para se medir melhor, organizar mais, dar maior clareza sobre a sociedade para planejar consistentemente as ações. Bem, até aqui podemos dizer que há apenas um ganho quantitativo nesta participação, afinal, quanto maior o volume de disciplinas específicas, maiores serão as chances de acerto.

Elas poderão, além disso, contribuir para mostrar as opções, os caminhos, as possibilidades de atuação sobre os problemas a serem resolvidos, auxiliando a tomada de decisão dos responsáveis pela administração pública, bem como tornando-se fonte de esclarecimento ao cidadão em geral.

Mas a isso, todas as ciências se propõem. O que há de específico nas ciências sociais consiste em mostrar as ligações entre as escolhas a serem realizadas e determinados interesses sociais a que elas se adequam. Ao mostrar as

conexões entre as opções possíveis em um diagnóstico e suas decorrências sociais, a ciência social pode esclarecer os conflitos, mas também estimar o preço a ser pago relativo a cada escolha.

ABSTRACT

The general subject of this paper is to reflect about the later experience of multidisciplinary hard-worked projects and their institutional context. It is attempt to draw out some assertions

about social and economic studies, more and more employed and none the less misunderstood since they are the latest to be joined to these projects.

BIBLIOGRAFIA

- BRÉHIER - *História da Filosofia: A filosofia moderna: O século XIX após 1850 e o Século XX*, Tomo II, fascículo 4, SP, Editora Mestre Jou, 1977-1981.
- HUSSERL, Edmond - *A Filosofia como Ciência Estricta*, Buenos Ayres, Editorial Nova, 1962.
- NIETZSCHE, F. - *A Filosofia na Época Trágica dos Gregos*, Parágrafo 3, reproduzido no Volume "Pré-Socráticos" da Coleção "Os Pensadores", SP, Editora Abril, 2a edição, 1978.
- PÁDUA, José Augusto (Org.) - *Ecologia e Política no Brasil*, Editora Espaço e Tempo/IUPERJ, 1987.
- ROSS, Jurandyr L. S. - *Geomorfologia, Ambiente e Planejamento: o relevo no quadro ambiental, cartografia geomorfológica, diagnósticos ambientais*, SP, Contexto, 1990.
- RUSSEL, Bertrand - *A perspectiva Científica*, SP, Cia. Editora Nacional, 3a edição, 1969.
- SANTOS, Milton - *Técnica, Espaço, Tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*, SP, Hucitec, 1994.
- SANTOS, Milton - *Por uma Geografia Nova*, SP, Hucitec, 1978.
- WEBER, Max - *Metodologia das Ciências Sociais*, SP/Campinas, Editora Cortez e Editora da Universidade de Campinas, 1992.